



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

## **Vista sua camisa com orgulho: Por um futebol mais colorido**

**Aline Pizzol e Caio Reina Lotufo**

Desde a nossa infância, os meninos estão acostumados a ganhar bolas de futebol e meninas a ganhar qualquer outra coisa. A partir dessa ideia binária de mundo, justificada pela existência de dois sexos biológicos, construímos dois sexos sociais — os gêneros — e separamos tudo o que o ser humano poderia ser, ter e amar em dois polos opostos e complementares. E sabem quem ficou com o futebol? Os homens. E tudo o que for relacionado ao chamado universo masculino. Ou seja, o futebol é um espaço predominantemente masculino e, por isso, heteronormativo e machista. Gostar de futebol em particular, mas também de outros esportes, torna-se um ingrediente, desde cedo, da construção de um ideal de masculinidade.

Quando falamos em machismo e heteronormatividade no futebol, estamos falando de práticas discriminatórias e pejorativas em relação às mulheres e às pessoas que têm uma orientação diferente da heterossexual, profundamente arraigadas neste esporte. Isso se baseia na ideia de que relações sexuais são normais somente entre pessoas de sexos diferentes; e que cada sexo tem certos papéis naturais na vida — um discurso estigmatizado que estimula o preconceito.

Sabemos que, hoje, essa categorização binária, restritiva a dois gêneros sociais, além de antiquada e preconceituosa, não dá conta de nossa realidade humana. A ideia de que existe uma orientação sexual adequada para cada gênero parece cada vez mais caduca diante da diversidade. É neste contexto que a 18ª Parada LGBT da cidade de São Paulo, uma das maiores do mundo, ocorreu na Avenida Paulista no



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

último dia 4 de maio, colocando como tema central o combate à homolesbotransfobia — fobia em relação às diversas orientações afetivas.

O futebol, esporte que ocupa um lugar central na sociedade brasileira, apresenta-se como um dos espaços mais intolerantes que existem hoje. A heteronormatividade e o preconceito caminham de mãos dadas com esse esporte; onde se valorizam aspectos relacionados ao gênero masculino, como virilidade, força, brutalidade, em detrimento de determinados atributos, categorias e qualidades socialmente entendidas como femininas que se tornaram excludentes à prática esportiva e profissional do futebol, permeado pelas rivalidades e pelas provocações que muitas vezes desembocam em xingamentos racistas, machistas e homofóbicos. Isso expressa, de forma evidente, certos problemas da sociedade brasileira, conhecida por frequentar o topo da lista nos rankings que mostram agressões contra o setor LGBT.

De um lado, dispositivos legais desportivos que, durante a história do futebol no Brasil, não abriram espaço para o futebol feminino; e, de outro, a sua associação às práticas socialmente aceitas como masculinas pelos veículos de comunicação e pela mídia esportiva, são elementos constitutivos desta imagem excludente do futebol que transformaram as arquibancadas e o vestiário em um espaço desconfortável tanto para jogadores quanto para torcedores saírem do armário.

As torcidas de futebol, com seus códigos, rituais simbólicos e comportamentais, sempre utilizaram o termo "gay" com uma conotação pejorativa, e as características comportamentais associadas a ele como uma grande ofensa aos torcedores e ao time adversário.

Em meio a esse cenário, o LUDENS – USP (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Futebol e Modalidades Lúdicas da Universidade de São Paulo), em parceria



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

com a prefeitura do município de São Paulo, decidiu realizar a campanha intitulada "Vista sua camisa com orgulho", com o objetivo de retratar pessoas de todas as orientações sexuais, mas, sobretudo, do público LGBT, vestindo a camisa dos seus clubes e seleções. A campanha convocou os participantes a mostrarem o cartão vermelho para a homofobia, difundindo a ideia de uma arquibancada onde predomine o orgulho e a legitimidade da diversidade sexual sem violência, intolerância ou preconceito.

A campanha aconteceu durante a semana da 18ª Parada do Orgulho LGBT em São Paulo. Na quinta-feira, 1º de maio, durante a Feira Cultural LGBT, situada na Praça da República, organizamos um pequeno estúdio de fotografia na tenda da Prefeitura de São Paulo, onde os frequentadores da feira eram convidados a posarem para fotos com as camisas de clubes e seleções de sua preferência, tendo como pano de fundo a bandeira do movimento LGBT. Reunimos para esta ação, através de empréstimos e doações, diversas camisas de seleções nacionais, clubes grandes, pequenos e até amadores, que ficavam expostas para o público escolher.

Neste dia, a tenda ficou lotada; centenas de pessoas posaram com as camisas dos times escolhidos. No entanto, observamos as mais diversas reações ao contar um pouco sobre o projeto e seus objetivos. Percebemos a dificuldade de debater essa questão, de aproximar o tema da homofobia com o futebol, espaço historicamente opressor para este setor. Foi possível observar desde a homofobia velada do setor heterossexual identificado com o futebol até o desconforto de quem ainda não conseguiu "sair do armário" e discutir abertamente a sua orientação.

Por outro lado, percebemos que, para muitos, ali se constituiu um espaço onde o amor à camisa e a paixão pelo futebol estavam intrinsecamente ligados à autoafirmação do indivíduo em relação à sua orientação, sem correr riscos de sofrer



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

violência ou rechaço, ao contrário do que acontece nas arquibancadas dos estádios brasileiros.

No dia 4 de maio, quando ocorreu na Avenida Paulista a 18ª Parada do Orgulho LGBT, montamos no camarote da Parada o mesmo estúdio, semelhante ao da Feira Cultural do dia 1º de maio, convidando as personalidades que lá estavam para participar da campanha, vestindo, com orgulho da sua orientação sexual, a camisa do seu clube de coração. Em uma ação paralela, nossa equipe se dividiu em pequenos grupos itinerantes, que percorreram a Parada para fotografar os participantes do evento que utilizavam camisas de times e seleções. Durante essa ação, localizamos um número significativo de heteroafetivos simpatizantes ao movimento com camisas de clubes e também um número significativo de pessoas e casais homoafetivos, lesbioafetivos e trans, trajando as referidas camisas. Camisas da seleção brasileira eram comuns. A Parada Gay, enquanto espaço seguro e de expressão de orgulho em relação à orientação afetiva, se caracteriza pela quebra do cotidiano, onde tradições heteronormativas podem ser ressignificadas, dando voz à diversidade e à tolerância, como foi o caso do futebol.

No ano da Copa do Mundo, existe uma visibilidade maior em relação a tudo o que cerca o futebol; sendo assim, não poderíamos deixar de debater um assunto tão emergente quanto o combate à violência e à homofobia no futebol. Em vista disso, planejamos, ainda este ano, expor as fotos que conseguimos nesses dois dias durante a Fan Fest, realizada em São Paulo por ocasião dos jogos da Copa do Mundo da FIFA. Estamos, ainda, avaliando a possibilidade de lançar um livro com este material.

Avaliando os resultados de nossa campanha, julgamos que, embora seja uma discussão incipiente e tratada com muito descaso, muitas vezes abafada pela mídia,



# REVISTA MEMÓRIA LGBT

ela se faz cada vez mais necessária. A iniciativa do LUDENS entende que o combate à violência homoesbotransfóbica deve perpassar a discussão a respeito da legitimidade de tomadas de espaços historicamente excludentes, sem qualquer tipo de constrangimento ou retaliação. A tolerância, o respeito e o combate ao preconceito só se tornam possíveis através da expansão do debate e da conscientização acerca dos direitos fundamentais dos seres humanos, em todos os âmbitos da vida social, inclusive no futebol. Afinal, o futebol e a sociedade sempre caminham de mãos dadas.